

O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)
Anno, 3\$540 réis — Semestre, 1\$770 réis —
Trimestre, 935 réis.

Subscree-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rna Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Anuncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)
Anno, 3\$000 réis— Semestre, 1\$500 réis —
Trimestre, 800 réis.

NUMERO 116

TERÇA-FEIRA 12 DE AGOSTO DE 1862

SEGUNDO ANNO

AVEIRO

O coração que despede de si os benefícios, que lhe fizeram, e fica com as lembranças das injurias; é como condão, que deixando passar o limpo licor, retém as fezes e imundiciés.

FR. L. DE SOUSA.

Decorreram trinta annos depois que a arvore da liberdade foi plantada entre nós, e que uma terrível mas inevitável scizão extremou em dois campos os filhos deste solo. Deviam estar obliteradas do animo de todos, dos que venceram e dos que ficaram vencidos, os acontecimentos sempre deploraveis dessa epocha excepcional, e, se não confundidas as duas raças, irmanados todos em um unico e nobre sentimento—o bem da patria commum.

Não é, porém, assim. Doloroso é confessar: existem ainda exacerbadas paixões, que suppunhamos extintás, sangram feridas que deviam ha muito estar fechadas pelo balsamo do esquecimento, existem odios, que chegamos a convencer-nos tinham sido completamente desarraigados dos corações mais rancorosos. Ainda mais. Ha obreiros da discórdia que trabalham noite e dia por alevar e pôr bem a vista de todos as balizas, que o tempo começava a diminuir, e que servem ainda para distinguir os campos em que se divide a grande familia portugueza.

Esta obra anti-patriótica e fratricida, é de poucos, mas é ainda apoiada por grande numero. Não são muitos já aquelles que se atrevem a pegar no facho da discórdia, e com elle em punho atear o incendio; mas é crescida ainda a conta d'aquelles que incapazes desse esforço, mais varonil, se empregam em preparar surdamente os elementos para o incendio, e em procurar as materias inflamaveis que devem tornar mais damnosa, mais rapida, mais extensa e mais inextinguivel a combustão.

Todas as causas pleiteadas entre duas partes, custam necessariamente uma derrota e importam uma victoria. Ha sempre vencidos e vencedores. Na lucta entre o passado e o presente, entre as trevas e a luz, entre o estacionamento e o progresso, entre o absolutismo e a liberdade, não podia deixar de os haver. Eram dois principios se debatiam. O que triumphou, tornou-se preponderante sobre o seu contrario, derrubou o do solio, e arrasou-lhe para sempre os alicerces; fez por isso vencidos, que já eram e ficaram para sempre seus inimigos.

Mas a liberdade não creou uma situação

exclusiva. Depois da victoria, franqueou o seu campo a todas as opinões, e escreveu a tolerancia por mote nas suas bandeiras. Acolheu a todos, acalentou a todos, alumiou a todos, e apenas consolidada, o seu principal intuito foi congregar n'um só grupo, n'uma só familia, todos os membros dispersos, no decurso da pendencia extincta, e fazer esquecer os ressentimentos, gerados no frangor das paixões, e excitados cruelmente pela irritação da derrota.

A liberdade não queria nem podia de certo querer, qualquer que fosse a sua generosidade apoz a victoria, que o partido vencido, depositas as armas, deposesse tambem os seus idolos, derrubasse os seus altares e fechasse os seus templos, em homenagem ao partido vencedor, e fosse esquecido de suas passadas crengas, comminguar humildemente com elle nos mesmos ritos, e sacrificar aos mesmos deuses. Mas queria e podia querer que, passado o ardimento da luta, o res sentimento politico se convertesse nesta doce fraternidade, que, sem atacar a integridade de nenhuma crenga individual, contribue para o socego, para a harmonia, para a felicidade publica.

E' neste empenho que tem andado a liberdade desde os primeiros periodos da sua inauguração.

Digam o que disserem os menos imparciaes e sinceros dos seus adversarios; ella tem sido generosa para com elles, e, a não ser n'aquelles momentos em que a exaltação não consente que se proceda reflectidamente, tem procurado pacificar, contentando a todos. Tem chegado a consentir pacientemente que della se abuse para promover obstaculos ao seu proprio progresso; quasi a fornecer armas para ser guereada. Podiamos citar exemplos irrecusaveis.

E qual tem sido o resultado? O ressentimento existe vivo, a memoria das affrontas recebidas esta fresca, sangrenta como no primeiro dia, ao passo que os benefícios, que não podem negar-se, são lançados á conta de deveres inherentes á posição de vencedor. A liberdade devia esquecer, ser benevolente, acariadora com os seus inimigos. O principio opposto, esse tem direito a ser sempre orgulhoso, intratavel e ingrato!

Esta philosophia é dura mas é a dos inimigos da liberdade. Ouvil-os-heis a cada passo queixar-se ainda da intolerancia com que são tratados. Desvairam em verrinas descompostas contra os principios, que não são os seus, e gritam que lhes querem tolher a liberdade de emitir a sua opinião nos negocios publicos. Abusam da posição official, que devem á munifi-

cia dos seus inimigos para os guerearem, e clamam que os tyrani-am. Nunca lembram os benefícios recebidos, mas estão sempre promptos a recordar affrontas, que se existiram, não foram mais do que a desculpavel vindicta d'outras mais ferozes e culpaveis.

Era já tempo de cessar este firoiteio de reconvenções em que andam sempre os dois partidos, unicos que verdadeiramente podem, em Portugal, ser considerados como taes. Era tempo, sobretudo, de pôr ponto a este continuo apelo ás paixões, que mais tarde ou mais cedo hão de produzir funestos resultados. Mas é para isso infelizmente, que se conspira, e não é possível já desfargar que se procura renovar os elementos para a luta, e atear as lavaredas que devem novamente pôr em conflagração as forças d'ambos os campos. E' uma triste verdade, mas é a verdade.

Não pode ainda a geração presente, ser arbitro desta pendencia; mas a historia não pode deixar de ser inflexivel com os que promovem a ressurreição dos odios politicos, que dividiram já esta pobre nação. E' ella, e só ella, que ha de fazer a justiça ao partido liberal, apreciar a sua cordura, e julgar do seu procedimento generoso com os seus adversarios.

Querem novamente a luta? Querem experimentar a força das paixões? Querem abrir a arena, e preparar os espectaculos gladiatorios? Fazem mal. Não o dizem como ameaça, mas como conselho. Os tempos não são já para essas façanhas. A humanidade não retrograda. O progresso não é uma mentira. E se é para esse fim que fingem desconhecer os benefícios da liberdade, á sombra da qual vivem ha trinta annos, tentem no entanto, mas não conseguirão fazel-os obliterar pela repetição das injurias, que deviam ter sido ha muito amortalhadas pelo esquecimento mutuo.

A. P.

A *Epocha*, folha semi-official do governo hespanhol, publicou um artigo que d'algum modo atenua o mau effeito produzido entre nós pelas diatribes do jornal ultramontano *El Pensamiento*.

No entanto não deixa de fallar na possibilidade de uma nova intervenção, e na facilidade com que o Marquez do Douro poderia tomar de novo o caminho de Lisboa e Porto!

Precisamos tanto de ser bons vizinhos, e de não excitar paixões, que separem mais os dois paizes, que era melhor pôr ponto a estas inconvinientes dissenções.

A. P.

por causa d'um rochedo gigantesco, deparámos com um grande lensol d'agua: era o lago de Cuges.

Como o cocheiro vinha ás nossas ordens, parámos. Jadin em cumprimento da sua promessa começou a tirar uma vista do lago para Méry. Collocou o lago no primeiro plano do esboço, Cuges e a igreja no segundo,—e fechou o fundo com as montanhas. Entretanto peguei eu n'uma espingarda, e fui costear a margem á cata d'algum pato; infelizmente os canaviaes ainda não tinham crescido bastante, e os patos conservavam-se a distancia segura.

Voltei para junto de Jadin, que acabára o desenho, e preparamo-nos para a atravessar o lago.

Não era negocio de pequena importancia, porque os Cujenses não tinham ainda tido tempo de construir uma ponte, e talvez não a quizessem construir antes de ter a certeza que o lago seria permanente. N'estas demoras a agua foi cubrindo a estrada real; — o principio e fim do caminho bem se via d'ambos os lados, mas o unico itinerario por o espaço d'um quarto de legua eram algumas estações espetadas da parte direita e da esquerda. Ora este caminho tinha uma calçada algum tanto elevada, por isso ainda que mui pouco errássemos para qualquer dos lados, iamnos cair em profundidades que podiamos muito bem medir por as summidades das arvores que como baixo mato á flor d'agua appareciam. Comecei a considerar que a Providencia fora muito prodiga com Cuges, dando-lhe um lago semelhante, pois os Cujenses ficariam contentissimos só com uma fonte.

Entretanto como não havia barca nem ponte, que remedio senão tomar um partido? Subimos para a imperial, porque estivessemos desembarçados para nos salvarmos a nado; a sege

entrou afoitamente no lago, e foi sem novidade aportar á margem opposta.

Fomos encontrar Cuges em revolução, porque o governo fora avisado da existencia do lago, e apossara-se d'elle. Os lagos são por direito propriedade do governo, mas n'este caso suscitava-se uma questão. O lago de Cuges era um lago de fresca data, e não se remontava como os outros á creação do mundo, ou pelo menos ao diluvio. E' conhecido que os lagos provam a sua nobreza por a antiguidade desde o diluvio. O diluvio é o anno 1399 dos lagos. Ora o de Cuges deu em se estender sem cerimonia por cima das propriedades que pertenciam a cidadãos das aldeas circumvisinhas. Os cidadãos proprietarios de boa vontade cediam o lago ao governo, mas queriam ser indemnizados das terra que perdiam com esta cessão. A administração das *Aguas e Mattas* os chacoteava descaradamente, e elles arreganhavam os dentes ás *Aguas e Mattas*. (1)

Em summa, já d'ambas as partes se tinha gasto papel sellado, e os Cujenses, como o sapateteiro remedião que enriquecera de repente, estavam quasi promptos a dar o lago, se lhes restissem a tranquillidade.

Parámos em Cuges, e partimos no dia seguinte pelas seis horas da manhã.

Na jornada para Toulon só vimos uma coisa digna da nossa curiosidade: foram os desfiladeiros d'Ollioules. Os desfiladeiros d'Ollioules são as Thermopylas da Provença. Imaginai rochedos de dois a tres mil pés d'altura cortados a prumo, imaginai nas cumiadas d'esses rochedos alguns

(1) Em França a administração «des Eaux et Forêts» tinha jurisdição sobre a caça, pesca, mattas e rios, tanto no civil como no criminal. Foi substituída por uma administração que tem especialmente a seu cargo a conservação das mattas do reino.

Trad.

O empréstimo contractado em Londres, e sobre o qual entre nós se tem escripto tão encontradas apreciações, mereceu a attenção da imprensa estrangeira, e os mais sisudos e considerados jornaes tem feito delle honrosa menção. Entre estes o *Times*, do qual hoje publicamos um artigo, que ha dias appareceu nas columnas do *Commercio do Porto*.

Não é uma apreciação apaixonada e faciosa como algumas que ali tem apparecido; é um juizo exclarecido e imparcial, d'uma folha periodica que é reputada a primeira do mundo, a todos os respeito, e que não pode ser suspeita a nenhuma das nossas parcialidades politicas.

Transcrevendo-o, offerecemol-o tambem como documento comprovativo d'uma asserção que avancamos em um dos nossos ultimos artigos; que Portugal era o paiz, onde se pagavam menos contribuições, e portanto onde o povo estava em melhores circumstancias de pagar as que se acham votadas.

Para ganhar popularidade, e para desvairar o espirito popular, que não para outra coisa, se anda para ali a clamar sempre com entono contra os impostos. E' uma pequena especulação que já algumas vezes tem surtido bom resultado. Como todos desejam pagar quanto menos melhor, os pseudo-economistas acham facilmente muito quem os accredite, e d'ahi vem representar-se a paiz opprimido e avexado por extraordinarios impostos.

Mas realmente não é assim. A verdade é que nós somos o povo que menos paga para o estado. O nosso imposto é por em quanto modico, principalmente se o confrontarmos com os grandes melhoramentos publicos, que começamos a gosar.

Lê-se, pois, o que de nós pensa o *Times*, e o conceito favoravel que lhe merece o estado das nossas finanças, e reconheça-se sem preocupação politica a injustiça das declamações banaes, que sobre credito, e sobre contribuições, ali se fazem periodicamente.

A. P.

«Os fundos portuguezes soffreram por algum tempo uma depressão desproporcional no mercado, mas só porque se faziam continuas emissões particularmente. O publico não sabia que importancia de fundos se emitiria de mez para mez. O resultado foi que os bonds portuguezes do 3

casades isolados, para onde se sóbe não sei por onde, e que se inclinam curiosamente para vos ver passar. Demais a mais alguns d'estes montes tem a pertença de serem volções apagados;—eu cá não me opponho a isso.

Mal que se desemboca dos desfiladeiros de Ollioules ha um grande contraste. Em vez d'aquellas duas paredes nuas e tão conchegadas, que parecem abafar-vos, repentinamente apparece uma planicie silenciosa, moldurada da parte esquerda por montanhas semicirculares, e da direita pelo mar. Esta planicie é a estufa da Provença. Ali crescem á solta e á porfia—a palmeira da Syria, a larangeira de Mayorca, a nespereira do Japão, a goyabeira das Antilhas, a yuca ou batata da America, a aroeira de Creta, e a acacia de Constantinopla. E' ali á posada das plantas que chegam do oriente e do sul, para irem depois definharem nos nossos jardins botanicos do norte. Felizes são as que de lá nunca sahem, porque n'aquelle sólo podem reputar-se no seu paiz natal.

A' esquerda no reverso do caminho que dos desfiladeiros d'Ollioules parte para Toulon o Marechal Brune e Murat tiveram uma entrevista a 18 de Junho de 1815—no proprio dia da batalha de Waterloo.

Murat vinha vestido de mendigo trajando um casaco pardo, uma comprida redessinha espanhola na cabeça, por cima um grande chapéu catalão, e *olhos d'ouro*. O real mendigo não viuha pedir senão para tornar a tomar o seu posto de simples soldado nas fileiras do homem que elle perdeu duas vezes;—uma quando se declarou contra elle, e outra em seu favor. Todos sabem qual foi o resultado d'esta entrevista. Murat expulso da França foi para Corsega, e da Corsega embarcou para a Calabria. Quem quizer dar com o seu cadaver, vá á igreja de Pizzo. (Continúa.)

por cento chegaram a 44, ao passo que os fundos hespanhoes, com os quaes os portuguezes podem ser favoravelmente comparados, estavam firmes a 54. Todavia a Portugal não cabe a censura de reduzir a metade o juro da sua divida externa sem o consentimento dos seus credores. Os titulos portuguezes não estão excluidos, como estão os de Hespanha, dos principaes mercados monetarios da Europa.

Portugal, contudo havia-se privado do beneficio real d'estas vantagens, e conservado os seus fundos publicos 10 por cento abaixo dos de Hespanha, só por haver insistido em um systema clandestino de emitir bonds. Não havia, porém, razão verdadeira para tamanha differença no preço dos fundos das duas nações, por que as finanças de Portugal acham-se em tão bom estado como as de Hespanha e todos os mercados europeus lhe estão abertos, bem como a todos os titulos que elle possa crear para o desenvolvimento dos seus recursos.

Apontaremos alguns factos para mostrar que os recursos financeiros do Portugal estão pelo menos tão capazes de serem tão favoravelmente desenvolvidos como os de Hespanha.

A população de Hespanha é	15,807,753
A " de Portugal	3,908,861
O rendimento ordinario de Hespanha é de lib	20,314,149
O rendimento ordinario de Portugal é de lib	2,778,787

Assim, pois, em quanto a população de Hespanha contribue para a receita publica com lib. 1, 5 s. 5 d., por habitante, a de Portugal contribue apenas com 14 s. por habitante. Admittindo que ambas as populações possam supportar a mesma importância de imposto por habitante (e não vemos razão para o contrario) a receita de Portugal podia ascender a lib. 4,967,400, em vez de lib. 2,278,787 o que comparado com a cifra actual, deixaria um excedente annual de perto de lib. 2,000,000, que poderia ser applicado á redução da divida nacional, ou servir de garantia para as novas obras de melhoramento interno. A verdade é que nenhuma população europeia paga tão poucos impostos, ou contribue tão pouco individualmente para a receita do estado, como a de Portugal, como se vê pelos seguintes dados:

Imposição por habitantes			
	L.	s.	d.
Portugal	0	14	0
Hespanha	1	5	5
França	2	0	0
Inglaterra	2	5	0
Austria	0	15	0
Prussia	1	6	0
Russia	0	15	0
Allemanha	0	19	1
Italia	0	19	0
Belgica	1	8	0
Hollanda	2	6	0
Grecia	0	15	0

Merece tambem notar-se que na Hespanha as contribuições directas são 6 s. 10 d. por habitante, em quanto que em Portugal não chegam a 5 s. por habitante.

E' tambem uma consideração favoravel, que o fim para que se levantou o actual emprestimo, é o completamento das vias ferreas as quaes hão de dar grande augmento ás receitas e á prosperidade de Portugal. A agricultura alli está atrasada. Portugal devia ser um dos principaes paizes exportadores de trigo, e todavia custa-lhe a colher o bastante para o seu consumo. E' tempo de se operar uma reforma. Em ponto de recursos naturaes, Portugal é tão rico como qualquer paiz do mundo. O que lhe falta só é desenvolver os. Um dos meios para o alcançar é estabelecer solidamente e sustentar o seu credito, e sob este ponto de vista, o caminho agora encetado, produzindo o assignalado exito do seu novo emprestimo, é tanto mais satisfactorio.

Publicamos em seguida a carta, que nos foi dirigida pelo nosso correspondente da capital, que, por falta de espaço, não pôde ir no nosso numero passado.

Sahimos de Goa, a 12 de janeiro, para Moçambique. Apenas tivemos algumas contrariedades como quasi sempre acontece em navios de vella, calmas correntes contrarias, etc. etc., que fizeram com que chegassemos a 11 de fevereiro á capital da costa oriental da Africa portugueza. Demoram-no 10 dias para recebermos passageiros e fazer agoada. Os passageiros quasi todos soldados, incapazes de servir por padecimentos adquiridos nestes inhospitos climas. Em Goa, tambem se receberam passageiros nas mesmas circumstancias entre uns e outros vieram alguns quasi muribundos. Largamos de Moçambique para Angola a 22 de fevereiro. A principio vento bonancoso, calmarias e correntes contrarias nos impelliam para onde ellas caprichavam, ora para aqui ora para acolá, e deste modo andamos muitos dias sem podermos vencer estes obstaculos, a ponto de sermos levados para o norte de Moçambique.

Seguimos, depois, mansamente para o sul até 4 de março. Desta data em diante o vento foi augmentando em força e o mar crescendo de maneira tal que no dia 6 estavamos lutando com um tempo do sueste. A's 11 horas da noite de 7, o mar levou o escaler de stibordo e á meia noite o mastro grande deu um grande estalo. Reuniram-se os officiaes em conselho deliberando arribar a Moçambique porque o mastro grande estava partido. Nesse mesmo momento fomos essa direcção. A's 9 horas da manhã de 9 de março ouviu-se bradar — machados e machadinhos! Era o mastro grande que estava dando seus ultimos arrancos! Minutos depois acabou cahindo para o bombardeio feito em dois pedaços, — um deitado para o mar, e outro esvaldado desde o convez até á borda de bombardeio junto ao portaló. O mastro da mezena não sofreu com a queda do grande, tão sómente o

sen mastaré e cesto de gavião, e o do traquete ficou tambem em pé. Todos nos admiramos por ser notorio que este mastro estava, ha muito tempo, pôdre.

Não nos deixou fazer muitas conjecturas, porque uma hora depois, pouco mais ou menos, a mesma voz que havia bradado pelos machados tornou-se a ouvir! O mastro de proa cahiu para vante a stibordo fazendo-se em trez pedaços, um para o mar e os outros dentro do navio. Um dos pedaços cahiu em cima do fogão achatou-o quasi totalmente levantando grande quantidade de fumo. Houve gritos de fogo, ogoa, etc. etc. porém não era nada que desse cuidado, por ser o fumo causado pelo esmagamento do brasido que estava no fogão. Depois do desarvoramento o navio fazia 5 pollegadas d'agoa.

O unico mastro que se conservou sem macula, como disse, e impavido olhando para todas as ruinas foi o da mezena! O do gurupés encontrouse depois partido, juntando-se a isto tudo o leme quasi a separar-se do navio tambem pôr estar escangalhado.

No meio de todos estes desastres temos a agradecer ao acaso ou talvez á boa ordem e boa direcção o não haver senão um ligeiro ferimento na cabeça de um guardião, habil e desembaraçado marinheiro.

Esta catastrophe teve lugar na manhã de 9 de março de 1862 no canal de Moçambique. — Lat. est. sul — 18.º 44.º e Longit. est. sobre a do chronometro do dia 7 = 38.º 52.º a leste de Greenwich.

Eis-aqui, meu caro amigo, como ficamos desde o dia 9 até 12 á meia noite, á mercê das vagas e impetuoso vento, esperando a bonança para se arranjar umas guindolas e com ellas dirigimo-nos para alguma parte. Não posso exprimir a profunda magoa, tristeza e desanimação que se apoderava de mim todos as vezes que encarava este lugubre espectáculo! Só quem presenciasse tão tristes scenas pode fazer verdadeira idéa dellas.

Por toda a parte não se via senão destroços de objectos partidos ou despedaçados em cima da tolda d'um navio sem mastros, e por conseguinte sem panno, sem governo, servindo de pella ás ondas e ao vento! Não tinhamos outra lembrança senão quando seriamos engolidos por esse mar que nos rugia por todos os lados, ou quando chegaria o momento de sermos feitos pedaços em algum parsel onde fosse arremçados! Não sabiamos onde estavamos, não tinhamos tido sol havia dias, não podiamos dizer ao certo se estavamos proximos ou distantes d'algum. Estavamos inteiramente entregues ao acaso e ás leis que regem os nossos destinos! Esperavamos e mais nada! o resultado era indescortinavel por que os perigos que nos cercavam eram incommensuraveis! Avalia, se podes, o estado moral da maior parte d'aquelles que estavam sendo testemunhas do que te acabo de descrever. Uns por que deixavam familia á mingoa, outros por que depois da sua morte seus filhos ficavam sem educação sujeitos a viverem da caridade publica, e outros em fim por que desejavam viver mais por outras razões.

Com a morte diante dos olhos, com estes lugubres pensamentos é necessario haver muita energia e coragem d'uma tempera especial para se não succumbir a tão vehementes sensações que dilaceram o coração! No dia 11 foi abonando o vento e o mar cahindo alguma cousa, de modo que á meia noite do dia 12 tinhamos um pequeno mastro á proa com um joanete a servir de traquete.

Causou-nos alguma alegria ver aquelle bocado de panno á proa, pois tinhamol-a como percursora da nossa salvação. No dia seguinte a guindolassinha serviu para se levantar um mastaré de gavião, que havia de servir de mastro do traquete; depois deste estar a prumo e seguro elevou-se acima delle um mastaré de joanete, que havia de servir para o velacho e um de sobre para o joanete. Quando este mastro assim engendrado esteve aparelhado como era possível fazel-o com os restos de cabos, que se poderam aproveitar e com os escassos sobre-excellentes que possuamos tratou-se de fazer o mesmo para o mastro grande. A' proporção que fomos tendo panno, iamso navegando como podiamos.

Tratou-se de arranjar o leme conforme se pôde com cabos e correntes de ferro, assim como tambem se metten mãos á obra de uma esparrela para quando o leme de todo não servisse. Felizmente lá se foi aguentando e a esparrela não foi precisa, posto que estivesse quasi prompta.

Neste estado fomos indo pouco a pouco não podendo andar o navio senão á pôpa, ou a muito querer com vento de oito quartas. Chegamos navegando deste modo até 40 milhas, pouco mais ou menos, distantes do Moçambique. Dahi em diante o vento refrescou e como não podessmos, como disse, bolinar para nos aguentarmos em posição vantajosa, no dia seguinte estavamos ao norte de Moçambique, perdendo todas as esperanças de o podermos tomar.

Reuniu-se outro conselho de officiaes para se decidir qual seria o ponto da costa que deviamos demandar, attendendo-se ás circumstancias em que estavamos, tanto de mastros como de leme.

O conselho decidiu ser a bahia de Pemba, se tivessemos vento favoravel, que lá nos levasse a ancorar.

A's 2 horas da tarde desse mesmo dia (24) metten-se á pôpa com esse destino.

Eram 5 horas, avistou-se um navio grande perto da costa, e pouco depois reconheceu-se ser

a vapor. Não te posso descrever, o contentamento que em todos os rostos se manifestou. Havia poucos momentos todos nós condemnados ao desterro a que a sorte nos impellia, pois diziam os competentes, que em conjuncturas taes, na posição em que nos achavamos, o melhor alvitre era ver se alcançavamos o porto de Pemba! paiz insalubre no ultimo ponto, sem recursos, sem agoa senão a distancia de um dia de jornada pela terra dentro e essa mesma salobra! Eis que de repente se nos apresenta um navio grande e a vapor. Era a sorte que havia mudado, o acaso se mostrava mais propicio a nós todos!

Signaes que a bordo se usam, como tiros, fagulhas, etc. etc. se poseram em pratica. A's 8 horas da noite passava rastejando pela nossa pôpa uma bella corveta a vapor, perguntando-nos o que queriamos? . . . dahi a poucos minutos uma boieira com um official da marinha ingleza entrou a nosso bordo.

Era a corveta — Orestes — da força de 400 cavallos que ia para Moçambique, e que o commandante não punha duvida alguma em nos rebocar até lá.

Este navio tinha ido procurar uma corveta ingleza tambem a vapor que havia encalhado perto de Pemba; soube lá ter sido rebocada para Moçambique pelo nosso lugre de guerra D. Maria Anna.

Combinou-se passarem-se os cabos para o reboque ás 6 horas da manhã seguinte (25), porém eram 11 horas da noite a corveta aproximou-se de nós, perguntando-nos se tinhamos os cabos promptos, pois queriam pegar no reboque. Não estavamos ainda, mas á meia noite navegavamos rebocados pela corveta, havendo-se-lhe passado dois viradores. A's 3 horas da tarde de 25 de março de 1862 fundamos no ancoradouro de Moçambique.

Nunca me lembrei na minha vida, que Moçambique havia de ser para mim essa terra de promessa. Tudo quanto esta cidade tem de desagradavel á vista, monotono, lugubre, sem movimento, tornou-se nesta occasião, bello, alegre e cheio de vida!

Aqui está, meu caro, a triste historia da fragata D. Fernando, desde a sua sahida de Gôa até á arribada de Moçambique.

No meio de todos os perigos que passamos, não deixavamos de nos lembrar se esta catastrophe nos acontecesse na vinda de Lisboa, com o vapor Zambeze em cima da tolda entre os mastros grande, e traquete—o resultado de certo não tinha sido este, mas sim o termos sido submergidos.

Alguns dias depois de estarmos fundados o governador nomeou uma comissão para procederem a uma vistoria á fragata e darem a sua opinião sobre o seu estado—Capitão tenente—J. Eusebio d'Oliveira que era commandante da escuna Angra—Presidente—Souza Rodrigues—Commandante do Lugre D. Maria Anna, e mais 2 officiaes do mesmo navio o director do trem, carpinteiros etc. etc.

A vistoria verificou que o mastro grande estava podre não só em diversos pontos por fóra como tambem na madre pelo lugar que partiu. O do traquete podre a desfazer-se em caruncho. O do gurupés partido a não poder servir, assim como o leme. A agua que fazia a mais era tão somente devida ás costuras da linha d'agua para cima.

Relatorio

Da directoria do gabinete portuguez de leitura em Pernambuco, apresentado em sessão da assembleia geral, em 8 de junho de 1862.

(Continuação do numero antecedente)

Fundo Social

Capital em 30 de setembro de 1861	31:324\$694
Apolices omittidas—38 a 20\$000	760\$000
Saldos da conta de lucros e perdas	2:720\$577
Rs.	34:805\$271

Caixa

Segue um pequeno e resumido esboço das quantias recebidas e despendidas durante a nossa administração, ficando em caixa em 22 de maio um saldo de Rs. 1:125\$968:

Receita.	
Saldo em 30 de setembro de 1861	2:372\$977
Mensalidades recebidas de accionistas	1:782\$000
Quotas recebidas de subscriptores	624\$000
Emissão de 38 apolices novas	760\$000
Idem de 4 apolices, que jaziam amortizadas	80\$000
Premio de uma letra da Caixa Filial	33\$250
Rs.	5:652\$227

Despeza

Importe de livros e encadernações	109\$600
Idem de Jornaes	119\$200
Remessa a Antonio Maria Pereira, de Lisboa moeda fraca	503\$578
Despezas geraes	3:788\$881
Saldo em caixa	1:125\$968
Rs.	5:652\$227

Escrituração.

Esta, sendo já ha algum tempo feita pelo guarda bibliothecario, acha-se hoje definitivamente

te a cargo do mesmo. Do livro competente extractamos a seguinte nota do activo e passivo da Sociedade:

Movels	Activo.	
Caixa		8:407\$697
Accionistas		1:125\$968
Livros		6:285\$000
Amortizações		18:404\$316
		1:180\$000
Rs.		35:402\$981

Passivo.

Herdeiros da antiga casa	469\$318
Antonio Maria Per. de Lisboa	115\$892
Alphonse Lemale, do Havre	12\$500
Fundos Social	34:805\$271
Rs.	35:402\$981

Convém notar que a verba—accionistas—que no activo figura com um valor de 6:285\$000 rs., comprehende já as mensalidades do segundo trimestre vigente, tornando-se por isso tão avultada.

Bibliotheca.

O objecto que pela natureza da nossa sociedade, mais deve chamar a attenção de quem a rege, é certamente o augmento da livreria, cumprindo que haja nessa acquisição uma apurada escolha afim de que o gabinete acompanhando, conforme os meios de que dispõe, o progresso da época, não se circumscreva por assim dizer á compra de obras de mero deleite, mas possua em suas estantes variedades de outras, de que a nossa mocidade possa colher mais resultados e onde os doutos e estudiosos encontrem um alimento constante ao seu desejo de saber.

Bem comprehendida de taes idéas, a directoria tinha em vista preencher esta palpitante necessidade do gabinete; não lho permitirão, porém, varios obstaculos, como o curto periodo de sua administração, que principiou em 22 de novembro proximo findo, doengas de alguns de seus membros, e outras causas menos importantes: maior quinhão de gloria caberá, portanto á nossa successora, se lograr a consecução desse desideratum. Apenas foi accrescentada a bibliotheca com algumas obras, offertadas e compradas, e um pequeno numero de publicações novas mandadas de Lisboa pelo sr. Antonio Maria Pereira, socio correspondente do gabinete, tendo-se ultimamente encomendado ao mesmo sr. varios livros, frequentemente requisitados para a leitura. Eis um pequeno mappa das obras entradas d'este outubro de 1861 até maio do corrente anno:

TOTAL	HESPAÑOL		FRANCEZ		PORTUGUEZ	
	Vols.	Obras.	Vols.	Obras.	Vols.	Obras.
	54	48	3	2	54	48
	3	2	3	4	10	4
	10	4	1	1	3	1
	3	1	1	1	2	1
	2	1	19	9	5	2
	2	2	4	4	2	5
	7	9	1	2	7	2
	18	16	1	1	17	15
	121	83	22	6	98	76

Os offerentes foram os seguintes srs. cujos nomes registramos com prazer: Salvador Henrique de Albuquerque, Epiphanio Bittencourt, Manuel de Carvalho Paes de Andrade, presidente da Parahyba, commendador Antonio Joaquim de Mello, padre Leonardo João Grego. Juveniano, Monteiro, Joaquim dos Remedios Monteiro, Joaquim Angelico Bessone de Almeida: presidente do Rio Grande do Norte, dr. José Bento da Cunha Figueiredo Junior, bacharel Cicero Peregrino, Sebastião José Gomes Penna Junior e José de Torres, este de Lisboa.

Consta hoje a bibliotheca do gabinete, de 3148 obras com 6953 volumes.

Movimento de livros	entradas	salidos	t.tal.
Outubro a dezembro 1861	4:325	4:313	8:638
Janeiro a março 1862	4:194	4:419	8:613
Abril a 22 maio	2:306	2:442	4:748

Total dos volumes 21:999

Mov. de leituras	caçion.	subsc.	visit. tot.
Outubro a dezembro 1861	820	645	37 1:502
Janeiro a março 1862	1155	990	36 2:181
Abril a 22 maio	780	634	23 1:437

5:120

Quando nos por estes dados, podemos dizer que, termo medio, o movimento mensal de livros é 2:750 volumes, e de leitores 640.

Effectuou-se a assignação de mais dois jornaes interessantes a *Correspondencia de Portugal*, publicada em Lisboa, e o *Jornal dos artistas*, sahido dos prós portuenses.

Empregados.

Conservam-se os mesmos que já encontramos, a saber, o bibliothecario Antonio S. Xavier de Sousa, o ajudante d'este Antonio de Sousa Pinto, e o recebedor Thomaz Pereira de Mattos Estima. Todos desempenham satisfactoriamente os deveres a seu cargo, e são dignos da confiança com que as diferentes administrações os têm distinguido, sendo nós de opinião que o gabinete lucra com a sua permanencia nos logares que occupam.

Actos Administrativos.

A directoria durante o tempo de sua gerencia tem funcionado com a possível regularidade, havendo soffrido alguma interrupção em sessões em consequencia de incommodos de saúde de alguns de seus membros, como já fica dito.

Offereceram-se espontaneamente os Ill^{ms} srs. dr. Philippe Nery Collaço & C. para publicar no seu *Diario do Recife*, todos os trabalhos do gabinete, sem nenhuma retribuição pecuniaria: e a directoria, tomando na devida consideração tão vantajosa proposta, accetou-a com o maior reconhecimento, como opportunamente fez annunciar no mesmo *Diario do Recife* e no *Diario de Pernambuco*, para sciencia dos senhores associados.

Como sabeis, foram por vós sancionados com ligeiras modificações os novos estatutos desta casa. Confiando a revisão deste trabalho ao nosso collega 1.^o secretario, acham-se já submettidos á approvação do governo provincial, e quando por este confirmados, serão immediatamente impressos e distribuidos pelos socios ficando esta desde logo em vigor.

Pela razão já apontada, de falta de tempo, não nos foi possível confeccionar um regulamento interno em harmonia com os estatutos recentemente approvados, ou fazer as alterações convenientes n'um assaz extenso, que existe no archivo: recommendamos, pois, mui particularmente esta tarefa a quem nos succeder.

Mandamos vir de Lisboa um retrato de S. M. o senhor D. Luiz I, esperamos que brevemente chegará.

Tendo-se esgotado os catalogos, colhemos informações em alguns pontos da Europa, e á vista dellas resolveu a directoria confiar a reimpressão do catalogo que existia, augmentado com as obras posteriormente adquiridas, a Alphonso Lemale, do Havre, que se compromette a dar 3000 exemplares em bom papel e typo, brochados, pela somma de 2:300 francos, e mais 800 exemplares de um supplemento em separado por 60 francos.

A julgar pelo zelo e solicitude que o mesmo sr. Lemale manifesta no serviço do gabinete, parece-nos que este ganhará muito, e as futuras directorias terão nelle um prestimoso auxiliar para tudo o que o estabelecimento carecer que lhe venha de França: assim lembraremos á nossa successora a leitura dos officios do referido sr. Lemale, que isso lhe será de utilidade.

Temo-nos occupado de quanto julgamos digno de prender a vossa attenção; resta-nos agora solicitar da vossa benignidade, indulgencia para algumas faltas, que por ventura inadvertidamente tenhamos commettido, na certeza de que a nossa vontade a ellas foi inteiramente estranha. O amor a esta instituição, e o firme proposito de cumprirmos accuradamente os deveres que nos marcam os estatutos foram o mobil de todos os nossos actos: se o conseguimos — não no-lo compete dizer; e se não houvermos tido a vossa expectativa, seja-nos desculpa o diminuto tempo de nossa administração e a deficiencia das indispensaveis habilitações.

Recife 31 de maio de 1862.

Bernardino Gomes de Carvalho.

Director.

Antonio Prieto.

Vice-director.

Joaquim Gerardo de Bastos.

1.^o secretario.

Gonçalo Augusto da Graça e Mello.

2.^o secretario.

Bernardino Francisco de A. Campos.

Thesoureiro.

Parecer da commissão de exame de contas.

Srs. Accionistas do Gabinete Portuguez de Leitura.

A commissão por vós eleita para exame das contas deste estabelecimento vem hoje dar conta das investigações a que procedeu, e folga dizer-vos que, examinando a escripturação, achou tudo como era de esperar, em boa ordem e escripturado com acção e muita regularidade, pelo que é de parecer que as referidas contas sejam por vós approvadas, e que deis um voto de agradecimento á illustre directoria pelo bem que desempenhou o seu nobre encargo.

A commissão deixa de entrar em mais minuciosidades pela certeza que tem de que a illustre directoria no seu relatório vos dará amplas informações do estado prospero desta tão util como civilisadora instituição.

Recife 31 de maio de 1862.

Antonio Baptista Nogueira.

José Joaquim Lima Bairão.

Francisco João de Barros.

(COMMUNICADO)

Só ha dias tivemos conhecimento d'um artigo, que sob a epigraphe = Estrada da Figueira a Aveiro = appareceu no *Campeão* de 19 do passado; e como não somos assignante deste jornal, só agora podemos conseguir aquelle n.^o Lancetamos de veras esta demora, porque nos espiritos desprevidos e desconhecidos da localidade pôde porventura ter feito alguma impressão a doutrina menos leal e pouco exacta ali expendida, e nos bem informados ou melhor conhecedores do arroyo, com que ali se desfigura a verdade, deve forçosamente ter parecido vergonhoso e inqualificavel o silencio dos filhos desta terra, quando tão absurda como injustamente pertendem ferir a nos seus mais caros interesses.

Retirado, ha quasi um anno, destas polemicas jornalisticas, e pouco disposto a renouvas, não podemos contudo abster-nos hoje de levantar a luvá indistinctamente arremegada a todos os habitantes desta villa; e animado pelo espirito da verdade e da justiça, que nos assiste, forte pela consciencia do dever, que nos chama a pugnar pelo engrandecimento e prosperidade da terra, que nos deu o ser, não hesitamos em aceitar a lucta no campo, onde a provocaram; disposto a não a recusar sob qualquer forma, que a apresentem.

Parece, que baixára uma portaria do competente ministerio ao director das obras publicas do districto d'Aveiro, mandando-lhe estudar o traçado d'uma estrada da Figueira a Aveiro, passando por Cantanhede a Vagos.

Não nos demoraremos com considerações, que seriam superfluas, para demonstrar a maxima conveniencia desta estrada, cuja necessidade e utilidade por em quinto não foi questionada. O que provoca a irascibilidade, e dá lugar ás idéas admiravelmente expostas, mas minuiamente absurdas do illustre correspondente do *Campeão*, é o traçado, que o governo de harmonia com a petição da camara, e junta de parochia de Vagos, parece estabelecer-lhe. E' contra este traçado, que tem por pontos forçados Cantanhede e Vagos, que ali se clama, indicando-se juntamente um outro, que se pertende mais conveniente e justo. São portanto duas questões distinctas, embora intimamente ligadas, as que ali vieram suscitadas.

E' conveniente e justo o traçado indicado pela camara de Vagos, e que considera Cantanhede ponto forçado? Ou será antes conveniente e justo, que a estrada tome a direcção de Ilhavo, Vagos, Mira, Tocha, Bom-Successo, Tavarede e Figueira? ... Eis as duas questões, sobre as quaes divergimos inteiramente das idéas expostas no *Campeão*.

Segundo o que ali se pertende sustentar, é absurdo, anti-economico e desnecessario o traçado indicado pela camara de Vagos, devendo antes tomar-se a direcção de Mira, Tocha, Bom-Successo etc. etc. Não ao contrario tornando patentes as inexactidões, falsidades e erros, que a par d'alguns miseraveis sophismas são o unico fundamento da tal opinião, mostraremos primeiramente, não conveniente, economico, e justo seja o traçado mandado estudar pelo governo; desfazendo depois a louca pretensão do outro traçado, que se indica no *Campeão*, e que nós, *mutatis mutandis*, consideraremos absurdo, e anti-economico, alem d'inutil e difficil senão impossivel de se adoptar e pôr em pratica.

E' forçoso transcrevermos os trechos, onde parece encerrarem-se as provas do nosso adversario, para que o publico julgue da nossa lealdade na sua apreciação.

— *E' absurda (diz elle) a estrada seguindo por Cantanhede, porque não liga povoações importantes, passa por matagais e desertos até Cantanhede, terra sem importancia agricola nem commercial, que nada recommenda a tal beneficio, e nem seria lembrada a não ser um mercado mensal, que se faz, mas só frequentado pelas povoações limitrophes, continuando deste ponto até á Figueira por outro deserto, ainda em peiores condições.*

O absurdo de tal directriz (continúa o illustre correspondente do *Campeão*) é tão pronunciado, que achando-nos ha dias em Cantanhede ouvimos dizer aos principaes cavalheiros desta localidade, que não tinha explicação possível uma tal pertença.

E' preciso revestir-nos de muita prudencia para responder seriamente ás blasphemias, que outro nome não merecem os absurdos, que nestes dois periodos encontramos; os quaes só o sarcasmo ou reconhecida má fé podia suggerir.

A primeira falsidade de que por em quanto não faremos caso, por ignorar ainda, qual será o traçado adoptado entre Cantanhede e Vagos, e da Figueira até Cantanhede, é affirmar-se, que entre estas povoações, a estrada passaria sempre por um deserto, sendo certo, que, a julgarmos pelo caminho ordinario, que hoje se segue entre estas villas, nada menos de dez povoações atravessa a estrada de Vagos até á Figueira: não contando muitas outras, que pela sua proximidade com qualquer traçado, que se adopte, tirarão da factura d'uma boa estrada a mesma utilidade, que aquellas, pelo centro das quaes ella vá passar.

Eis o itinerario entre Vagos e a Figueira seguindo a estrada de Cantanhede. Avalie o publico dos matagais e desertos, que a estrada percorre sempre!! Vagos, S. Romão, Covão do Lobo, Balsas, Fevres, Cantanhede, Lemede, Arazede, Liceia, Ferreira, Alhadaz, Figueira!!

Mas isto nada é. Negar a importancia agricola de Cantanhede, contestar as suas relações de commercio, principalmente com Aveiro, Ovar, Porto e outros pontos, que ficariam ligados por

meio da projectada estrada, e considerar inignificante o mercado mensal, que aqui se faz, isso realmente não tem desculpa possível!

A quem desconhece esta localidade pedimos a maior attenção para o que vamos dizer, sem receio de ser desmentido.

Cantanhede, considerada a terra em si, é, depois da Figueira, a maior e melhor villa do districto de Coimbra; como concelho é o quarto; como comarca, uma das melhores.

O mercado, que todos os dias (20 de cada mez) aqui tem lugar, é inquestionavelmente o mais variado, concorrido e importante de todo o districto: e não duvidamos mesmo avançar, que é um dos melhores mercados mensaes, que se faz em em todo o reino.

Não julgue alguém, que vou cair no defeito, que censuro ao meu adversario, exaggerando a importancia da minha terra. Aqui o empraso, para que conteste alguma das proposições, que avancei, e cite o mercado, aonde concorra na grande escala, em que concorre a Cantanhede gado de toda especie, suino, bovino e cavallar, cereaes em grande quantidade, grande numero de lojas d'ourives, de pannos, chapéus, e toda a qualidade de quinquilherias, muito linho, estopa, rendas, e mil outros objectos diferentes etc. etc.

Não se confundirá ainda, quem ousou escrever, que o mercado de Cantanhede é unicamente frequentado pelas povoações limitrophes? Não será no que deixamos dito o desmentido solemne do revoltante disparate, que ousou avançar? Ou será preciso que lhe digamos (o que é do conhecimento de toda a gente) que é principalmente d'Aveiro, Ovar, que da Villa da Feira Figueira e Leiria, que concorre aqui o maior numero dos negociantes d'aquelles diferentes objectos? E fallaram verdade ao menos, quando negam a importancia agricola de Cantanhede? N'esse ponto, como em todos os outros ou ha muita ignorancia, ou demasiada má fé.

Cantanhede exporta muito vinho, algum trigo, e importa milho. E com quem, ou por onde se operam estas transações commerciaes? Todos o sabem. O Porto e Ovar é que consomem o nosso vinho; sendo os negociantes d'Ovar e suas immediações, quem nos fornece o milho por Aveiro ou Ovar, (o que é o mesmo para a nossa questão) unicas vias de comunicação, que temos com aquellas povoações.

Mas não é só a reconhecida importancia de Cantanhede, e as relações commerciaes com Aveiro, Ovar, Porto etc. etc. que aconselliam o traçado indicado pela camara de Vagos para a projectada estrada; muitas outras povoações igualmente importantes ficariam assim ligadas tambem com aquelles diferentes pontos, com quem entretem não menos relações commerciaes.

A Porcariça e Ançã, terras importantes, ricas e essencialmente commerciantes; a primeira quasi nas immediações d'esta villa, e a segunda dentro em breve (assim o devemos esperar) aqui ligada por uma boa estrada não lucrarian menos com a feitura da que nos ligasse a Aveiro.

O azeite para Aveiro é todo fornecido pelos almocreves d'Ançã: e a Porcariça alem das mesmas razões, que militam a favor de Cantanhede, pois que ali se faz um mercado mensal não menos importante (alem do gado cavallar e bovino, que lá não concorre) torna-se recommendavel pelas duas industrias (cortumes de coiros e feitura de tamancos) que em grande escala ali se exercem, e que a levam a relações continuas, e a um contacto quasi diario com o Porto.

Resta-nos protestar em nome de todos os nossos patricios, calunniados sem duvida, quando se diz, que elles proprios reconhecem a inconveniencia do traçado indicado pela camara de Vagos; e segundo nos parece, teremos defeito o imaginario absurdo, que se pertende ver n'esse traçado, mostrando ao contrario até á evidencia a sua utilidade e conveniencia.

Ignoramos, se o illustre correspondente do *Campeão* se refere a uma scena passada em minha propria casa, quando invoca o testemunho dos meus patricios a favor das suas idéas. Sendo assim existe pouca sinceridade da parte de s. s.^a, porque o que se passou foi inteiramente o contrario do que affirma. Achando-se com effeito em minha casa alguns amigos d'esta villa e outros de Mira pelo sr. Florido foi dada a noticia da tal portaria ao director das obras publicas d'Aveiro mandando-lhe estudar a projectada estrada, tendo por pontos forçados Cantanhede e Vagos. Extranhamos sim esta noticia, porque ignoravamos, que houvesse pedido da camara de Vagos sobre tal estrada, mas todos os presentes sustentamos a sua conveniencia e justiça combatendo n'uma acalorada discussão as idéas do sr. Florido, que logo n'esse momento foram pouco mais ou menos as mesmas, hoje expostas por s. s.^a na imprensa. A verdade do que se passou em minha casa é esta: se a outros individuos se refere s. s.^a obsequia-nos muito indicando-os; permitindo-nos entre tanto, que duvidemos, que haja um unico natural d'esta terra, que concorde e apoie idéas tão falsas e erroneas, como absurdas e injustas.

Mas continuamos a examinar o que com espanto de toda a gente se vê escripto no citado *Campeão*.

Tambem é anti-economica a estrada (passando por Cantanhede) por que tem 12 kilometros mais do que a linha, que deve seguir (por Mira, Tocha etc. etc.), que as necessidades dos povos aconsellham, e a natureza lhe traçou. D'aquella maneira eram 12 kilometros de despeza inutil, que necessidade alguma auctorisa etc.

Concedamos por um pouco, que era verdadeiro aquelle augmento de 12 kilometros, tomando a estrada a direcção de Cantanhede; seria isso

motivo sufficiente para abandonar esta directriz; ou compensaria esse pequeno augmento de despeza as rasões de maior conveniencia, que se dão a seu favor? Ninguém ousará affirmal-o. Nós porrem começamos por negar, que se dê um tal excesso, admitindo quando muito que elle seja de 6 kilometros; mas mostraremos, que não obstante esse pequeno augmento na extensão este traçado é mais economico e facil.

A estrada por Cantanhede poucas expropriações tem a fazer, e estas baratissimas; não tem obras d'arte, não tem grandes aterros a fazer, o leito acha-se quasi aberto em toda ella, e o material necessario apparece em toda a linha, que segue.

A estrada ao contrario por Mira, por onde tão insensatamente a indicam, embora mais curta 6 kilometros torna-se immensamente mais dispendiosa. As expropriações por ali são mais numerosas e infinitamente mais caras (o terreno que em Cantanhede custa 4\$000 rs. não se vende ali por menos de 12\$000 rs.!), tem bastantes obras d'arte com especialidade de Vagos até Mira; o seu leito todo assente em areias movediças torna-se alem de difficil, extraordinariamente despendioso, por que o material teria de ser conduzido da distancia de duas leguas pelo menos.

Não podendo ninguém contestar a exactidão do que deixamos dito torna-se desnecessario estender mais as nossas reflexões para mostrar a sem razão, com que se pertende inculcar como anti-economico o traçado em questão.

Mostrámos já a conveniencia e utilidade de esse tratado mandado estudar pelo governo; e d'ahi, como consequencia necessaria, se deduz a justiça e razão, com que pelas illustres corporações de Vagos elle foi indicado. Fazemos ver a economia e facilidade, com que elle se pode levar a effeito: e a sua necessidade é a deducção immediata de tudo que temos dito.

Resta-nos examinar o outro tão insensato, como insustentavel traçado, que no *Campeão* se indica, como preferivel.

Vamos já demasiadamente extensos, e por isso reservo esse *bocadinho* para objecto d'outra epistola, porque não quero abusar da paciencia do publico.

Cantanhede 5 de agosto de 1862.

Antonio Pessoa A. da Fonseca.

NOTICIARIO

Theatro. — Teve lugar no domingo a 1.^a recita da companhia de que são directores os srs. Macedo e Mendes Leal (Antonio) e cuja chegada já annunciamos.

O espectáculo compoz-se da *Condessa de Sennecey*, e da *Corda Sensivel*, como estava annuciado. A primeira é uma mimosa composição de Scribe, propendendo talvez um pouco para o ultraromantico, mas que tem situações felizes, e se desenvolve com certa naturalidade. A segunda é um gentil *vaudeville* graciosamente imitado do francez pelo sr. Mendes Leal.

Se não conhecessemos a companhia, ficaríamos agradavelmente surpreendidos pelo desempenho. Em um theatro de provincia não se pode exigir mais, e é difficil obter tanto. Não só o sr. Macedo, mas em geral, os actores e actrizes que appareceram na scena, os srs. Silva, Antonia e Florinda, conhecem bastante o theatro, e mostram intelligencia e natural propensão para a arte a que se dedicaram.

Mendes Leal é um mancebo que vale mais do que aquillo que podiamos dizer d'elle nesta logar, e de quem por isso callamos o lisongeiro juizo que formamos como actor.

Cremos que o publico sahio como nós satisfeito da estreia da companhia. Pelo menos manifestou-lhe o seu agrado por applausos repetidos, e por duas ou tres chamadas ao proscenio.

Hoje ha nova recita com as *Mães Arrapendidas*, traducção do sr. Ernesto Biester.

Appe! — Agora a discussão versa (quem tal podia advinhar?) sobre palha e farellos! Para isto vem elles todos lepidos e pressurosos. Sorri-lhes agradavelmente o objecto! Para discutirem com seriedade, e para provarem lealmente as suas affirmativas, para isso não ha encontral-os! Não os ha mais rebeldes.

Os nosso leitores — se alguém tem tido a paciencia de seguir esta impertinente questuicula — é que devem estar deveras enfadados. E tem razão. Não o estão mais do que nós. Não de, ter notado os baldados esforços que temos feito para precizar a questão.

Contudo, resposta seria ainda a não obtivemos. Citaram nos um periodo do *Diario de Lisboa* em que se diz o contrario do que pretendem deduzir d'elle, e o resto tem-se reduzido a palavrado chocho.

Assim pode citar-se o *Koram* e a *Messiadal*. Pois bem! Continuave a teimar, mas em quanto nos não mostrades a passagem do discurso do sr. José Estevão em que se diz que o pulpito é uma fogueira, e o templo um mercado, por estas palavras ou por outras que nos demonstreiis que significam o mesmo; insistiremos nós em asseverar que mentis attribuindo-lhe essas expressões. Esta é que é a nossa questão, e para a qual vos temos instantemente provocado.

A outra, a da palha e dos farellos, decidia-vos. Não somos nós; sois vós que costumaeis fazer uso d'esses dois artigos da alimentação asiatica.

E a respeito de grammatica não fallemos. Não vale a penna. Mas se tivéssemos vagar, e quizessemos, tinhamos divertimento para muitos dias. Ora lede o que escrevesteis onde mesmo nos estaveis censurando: «olhem que ella não faz honra á vossa presumida sabedoria.» E repa-

raí que este erro não é dos que podem lançar se á conta dos typographos...

Adesinho.

Curandeiros. — Chamamos a attenção das auctoridades competentes, e principalmente do sr. sub delegado tecnico de saude para o que abaixo transcrevemos, extrahido do Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, de maio do corrente anno.

Beim precisavamos que entre nós se dessem exemplos iguaes, mas, desgraçadamente, os charlatães-curandeiros campeam audaciosamente, sem que ninguem velle pela saude e vida dos nossos concidadãos.

Com que ignorante arrojo pegam na pena e receitam para um enfermo, substancias heroicas, e das quaes só sabem o nome porque as viram receitadas por alguém competente! E as doses? Santo Deus!

Ainda não ha muito que vimos uma receita d'um destes charlatães mais atrevidos, em que formulava um preparado de opio activissimo, e sem indicar a dose dizia,—quanto basto!!!

E os pharmaceuticos cumprem receitas destas.

Ora leiam os curandeiros e os pharmaceuticos o accordão da Relação de Lisboa, e tambem o leiam com attenção as auctoridades a quem compete vigiar pela vida e saude publica, e ponham cobro a um tal flagello.

Auto judicial de policia medica na relação de Lisboa.

Tão raras são entre nós as condemnações por exercicio illegal da medicina, sendo aliás tão frequentes as contravenções á lei n'esta materia, como são numerosos e desafortados os charlatães que com toda a impunidade abusam de bolsa e da vida dos seus semelhantes, que julgamos dever aqui transcrever na sua integra o accordão da relação de Lisboa que abaixo copiamos, e que, no entender de todos os homens honestos, muita honra decerto faz aos dignissimos magistrados que em sua consciencia e em desagravo da justiça o mandaram lavar.

Honra seja aos juizes honestos e independentes que assim desempenham a augusta missão que a lei lhes incumbiu, e que não dão barato, e muitas vezes a troco de miseraveis lisonjas para algum figurão, o primeiro e mais sagrado haver dos seus compatriotas, a saude, e com ella a vida dos que por ignorancia vão cair nas garras do charlatanismo estúpido e desalmado, que por ali corre á redea solta.

Uma vez, ao menos, justiça foi feita.

Accordão

Accordão em relação, etc. Que, vistos e relatados os autos, menos bem julgado foi pelo da 1.ª instancia em sua sentença de fl. 36. enquanto declara improcedente por falta de provas a acção intentada contra o réu D. José Quintã, natural da Galliza, proprietario e morador n'esta cidade, e o réu José Lopes Tavares, natural do Fundão pharmaceutico, e com estabelecimento na mesma cidade.

Porquanto, em vista da declaração feita por D. Emilia Ferreira viuva do fallecido Francisco da Silva Ferreira, constante do auto da noticia fl. 3, depoimentos das testemunhas a fl. 16 e fl. 34, e documentos juntos de fl. 6 a fl. 8, dá-se prova mais que sufficiente em direito sobre a existencia dos factos incriminados a estes réus, por haver o primeiro feito applicação e receitado remedios para uma enfermidade interna, de que falleceu o supramencionado Ferreira, exercendo assim um acto proprio de medicina sem titulo legal; e quanto ao segundo réu, por ter na qualidade de pharmaceutico aviado receitas de pessoa não para tanto auctorizada, no que contravieram ambos os réus ao que expressamente se acha determinado pelo alvará de 22 de janeiro de 1810, artigo 15.º e regulamento do conselho de saude publica de 3 de janeiro de 1837.

Revogam portanto a sentença appellada, julgam os réus incurso na sanção penal das leis citadas, e segundo ellas e o providenciado no artigo 252.º do codigo penal, condemnam os réus nos termos do artigo 30.º do citado alvará, o primeiro réu D. José Quintã em 20\$000 réis, e o segundo réu José Lopes Tavares em 8\$000 réis, e em todas as custas dos autos.

Lisboa 13 de maio de 1862.—Quirino Chaves—Ferreira Lima—Silva Pereira—Juiz—Paredes (vencido)—Fui presente Forjaz.

CORREIO

LISBOA 10 DE AGOSTO

(Do nosso correspondente.)

As noticias recebidas de Angola teem occupado muito seriamente as attentões do sr. ministro da marinha. Contra o governador geral vieram representações do muito pezo, e que demandavam energicas providencias.

O sr. Calheiros não só se havia indisposto com os principaes habitantes da provincia, como tambem por mais de uma vez se tinha collocado em desobediencia ás ordens do governo da Metropole, como ultimamente fez recusando-se a dar posse ao sr. official Escarvalho, que fôra nomeado governador de Colungo Alto. Durante a administração do sr. Carlos Bento, tambem o sr. Calheiros se recusou a dar posse ao official que daqui tinha ido nomeado governador de Mossamedes; porem se o ministro d'então tolerou a desobediencia do governador, o sr. Mendes Leal intendeu que não é possivel gerir os negocios d'aquella repartição, conservando um governador de provincia, que só tem por lei a sua vontade, e que menospreza não só as portarias assignadas pelo ministro, como os decretos d'El-Rei.

O sr. Mendes Leal foi hontem a Mafra apresentar a S. M. as noticias recebidas de Angola,

e propôr a demissão do governador geral, e do secretario, o sr. José Barbosa Leão. Dizem-me que o decreto da demissão já foi lavrado, e que serão nomeados para governador, o sr. Andrade, official da armada; e para secretario o sr. Carvalho, official graduado da secretaria d'estado dos negocios da marinha.

No vapor «D. Antonia» vindo daquelle provincia, chegaram os srs. Barbosa Leão, Mendes Affonso, presidente da relação de Loanda, e o sr. Mello, governador de S. Thomé e Principe.

Desta provincia receberam-se tristes noticias. Uma terrivel epidemia estava devastando a população, matando em duas horas os atacados com hemorragias de sangue. A mortandade já era grande. Dos pharmaceuticos da provincia só restava um. Vieram muitas pessoas fugidas, e entre ellas o governador bastante doente.

Sabe-se pelo boletim de Macau, que no dia 23 de abril ultimo partiu daquelle cidade o governador Isidoro Francisco Guimarães, em direcção a Hong Kong, e d'ali para Shangae, donde passou a Tien Sing, afim de ir desempenhar a honrosa missão de que foi encarregado por S. M. El-Rei, como seu plenipotenciario de celebrar com a côrte de Pekim um tratado de paz, amizade, commercio e navegação. Alem do governador compunha-se a missão dos srs. Antonio José Marques Pereira, como secretario, João Rodrigues Gousalves, interprete, e do capitão Jeronymo Osorio de Castro Cabral e Albuquerque, ajudante d'ordens do governador.

Vejo d'uma correspondencia de Turin, que o sr. visconde da Carreira será recebido naquelle côrte com honras extraordinarias, e excepçoes, que para esse fim se estão preparando aposentos no palacio real, e que em Genova é esperado o sr. visconde por um camarista do rei de Italia, achando se tudo preparado no palacio real para receber o enviado portuguez. O sr. visconde apenas chegue a Turin será recebido em audiencia, e em seguida visitará a princeza de Saboya, havendo nesse dia jantar no paço, ao qual tambem assistirá a duquesa de Genova.

Os coches que se estão preparando na casa real, para o consorcio d'El-Rei são quatro, duas estufas e duas berlindas. As estufas são as mais antigas que existem na casa real.

Parece fóra de duvida que o sr. marquez de Loulé irá a Turin para acompanhar a Lisboa a nossa futura rainha, ficando na presidencia do conselho de ministros, e com a pasta dos estrangeiros, o sr. visconde de Sá.

A folha official publicou hontem o contracto dos cinco milhões esterlinos contrahido pelo nosso governo na praça de Londres, apresentando todas as peças officiaes que dizem respeito á negociação.

A questão está perfectamente esclarecida, limito-me a apresentar as condições do pagamento das prestações, conforme o prospecto, que fez publicar a casa bancaria de Londres Knowles & Foster.

O governo portuguez receberá as seguintes prestações:

- 10 por cento em 5 de agosto de 1862
5 » » » 1 de setembro
5 » » » 3 de novembro
5 » » » 1 janeiro de 1863, menos o dividendo ou 1 1/2 por cento.
5 por cento em 2 de março de 1863
5 » » » 1 de maio
4 » » » 2 de junho
5 » » » 1 de julho » menos o dividendo ou 1 1/2 por cento.

Começaram hontem as obras para a construcção de um observatorio meteorologico e magnetico na fachada do norte da escola polytechnica. O plano é do engenheiro Pizarat. Deve ficar um observatorio excellent. El Rei o senhor D. Luiz deu seis contos de réis da seu bolsinho para a construcção da casa. O observatorio chamar-se ha de—D. Luiz I—

Pela segunda vez pediu hontem o sr. dr. Henrique Midosi a sua demissão do logar de commissario dos estudos do districto de Lisboa. O sr. Midosi tinha proposto o professor Ferraz para secretario do lyceu nacional de Lisboa, e fallando com o director geral da secretaria de instrucção publica, declarou que não faria questão sendo nomeado qualquer dos professores do lyceu, com tanto que não fosse o sr. Lemos, pessoa em quem não podia ter confiança, por estar constantemente influenciada por empenhos. O que fez o ministro do reino? Nomeou o sr. Lemos para o logar de secretario. O sr. commissario pediu logo a sua demissão e insta por ella. O conselho superior fica desaffrontado deste honradissimo funcionario, que nunca se pôde resolver a fazer-se instrumento dos caprichos daquelle repartição. Se todos os empregados fossem da tempera do sr. Midosi, o machinismo do serviço publico andaria com perfeita regularidade. E' extremamente censuravel o procedimento do conselho de instrucção publica. Falla-se no sr. Almendo, professor jubilado do lyceu nacional de Lisboa, para substituir o sr. dr. Midosi no cargo de commissario dos estudos.

Os orgãos da opposição continuam pertendendo desacreditar o partido novo, attribuindo-lhe uma influencia perniciosa nos negocios publicos, uma pressão constante sobre os actuaes ministros. Neste ponto as folhas que guerreiam o gabinete dirigem as suas allusões, e até as suas injurias ao sr. José Estevão, por ser o grande orador o chefe do partido novo. Em quanto isto se escreve nos jornaes, e se diz pela bocca pequena no Café e no «Gremio», o sr. José Estevão, tendo abandonado a côrte conserva-se em Cascaes a banhos com a sua familia. O partido novo não foi escolhido a dedo entre os afflictoes do illustre tribuno, compõe-se de liberaes,

pela maior parte novos ainda, que desejam o progresso desta terra, afim de que Portugal possa occupar distinctamente o logar que lhe pertence entre as nações mais adiantadas. Não são meia duzia os membros deste partido, são todos os portuguezes que se queiram associar para a grande obra da civilização. O programma deste partido ainda não foi desmentido por quaesquer actos dos seus principaes secretarios. Em quanto este governo fór para deante, tem o apoio daquelle partido, isto é dos verdadeiros progressistas deste paiz. O que é intoleravel nesta época em que vivemos, época de caminhos de ferro, de electricidade, de instrucção e de liberdade, é que uns homens se agarem ás velharias das instituições, e digam «sômos progressistas, mas não queremos sahir deste pequeno circulo em que nos inscrevemos, porque sômos d'uma politica constante e invariavel.» Isto é a negação completa de toda a idea de progresso.

O partido novo nem segue homens, nem chumba as suas azas na grilheta das instituições velhas; acompanha os homens na sua marcha de progresso, afasta-se delles, quando a causa publica assim o exige. Não comprehendem isto os reaccionarios, a culpa não é nossa. Pressão sobre os ministros!! Pressão para que? Para o sr. José Estevão entrar no ministerio? Pois ha alguém que se persuade que o sr. José Estevão deixe de entrar no ministerio quando tenha verdadeira vontade de fazer parte do gabinete? Pressão para conseguir o despacho dos seus afilhados, e torcer o andamento da coisa publica? Mas quaes são as manifestações dessa pressão? E o sr. José Estevão podendo exercital a aqui na côrte afasta-se para a exercitar na distancia de umas poucas de legoas?

O ministerio das obras publicas acaba de nomear para uma importante commissão scientifica fora do paiz, o sr. João Ignacio Ferreira Lapa, dignissimo lente do Instituto, agricola, socio effectivo da Academia Real das Sciencias, e auctor do notavel livro sobre os trigos nacionaes, obra que tem merecido os maiores elogios dos primeiros chymicos da europa, e que já mereceu a distincção de ser traduzida em francez por um dos principaes talentos scientificos da França.

Dos estudos a que o sr. Lapa vai proceder não de resultar muitas vantagens para alguns ramos da nossa agricultura e da nossa industria, os quaes são mais favorecidos pelas condições do nosso sollo e do nosso clima.

O distincto professor irá á Bretanha, onde estudará a composição dos estremos artificiaes, analyse dos solos, fabrica d'assucar de Beterraba, destilarias, queijaria, e manteigas. Comparará ali uma duzia de vacas leiteiras da excellente raça de Alderney, para a escola normal estabelecida em Marvilla. Passará a Pariz para estudar com os principaes chymicos francezes o processo de analyse chymica—agricola, irá depois a Berghona, Champanhe e Bordeaux estudar os processos do fabrico dos vinhos, e em Nizi e noutras localidades do meio dia da França estudará o fabrico do azeite a depuração de oleos; e finalmente irá á Alemanha visitar as escolas e os laboratorios mais importantes, e o mesmo fará em Londres.

Parece que o negocio do caminho de ferro de Cintra não será decidido tão cedo como alguém esperava, apesar de se empenharem na sua resolução algumas notabilidades deste paiz. Os capitalistas de Brussel e Belgarel, o primeiro representante de alguns banqueiros francezes, e o segundo, como já disse em uma das minhas anteriores cartas, representante dos interesses da rainha Christina são credores á ex-empresa Lucote, da quantia de quinhentos mil francos, gasta nas obras realisadas para aquelle caminho. Duzentos mil foram emprestados pelo primeiro, e trezentos mil pelo segundo. Estes dois capitalistas tomando a empresa do caminho de ferro de Cintra tinham em vista embolçarem-se daquelle quantia. Em favor da sua casa esereveu o conde de Morny, irmão do imperador dos francezes cartas a varios cavalheiros importantes de Lisboa, e teve o sr. ministro das obras publicas uma larga conferencia com o sr. duque de Saldanha sobre este negocio. Parece que as propostas apresentadas não inspiram confiança ao sr. marquez de Loulé.

A respeito dos seis mil homens que o governo hespanhol mandou distribuir pelas praças de Olivença, Badajoz e Albuquerque, pertencia alguém que o nosso ministro dos negocios estrangeiros dirigisse notas diplomaticas áquelle governo. Affiançame que taes notas se não espediram, e realmente não sei que satisfações tenha a hespanha que dar por distribuir a sua força militar pelo modo que mais lhe convem. A attitude bellica do reino visinho não nos intimida. Socegum os medrosos, que não havemos de ser conquistados.

Está aberto concurso documental para o movimento de um canonicato na Sé Cathedral de Bragança.

Foram ellogiados os srs. Jorge Nunes Pentado, e Joaquim Ignacio da Silva Lobo, pelo bom zelo e honrada intelligencia com que se tem havido, como encarregados pelo governo no exame das matrizes da contribuição no districto de Braga.

Foi concedida por tempo illimitado ao sr. José Rodrigues Tocha, a propriedade da mina de cobre sita na herdade da Mostardeira, freguezia da Gloria, concelho de Extremoz, districto de Evora.

A commissão encarregada de rever a legislação dos estabelecimentos insalubres, incommodos e perigosos, e propôr um novo projecto de regulamento convidou a todas as pessoas que se interessarem neste assumpto a dirigirem quaes-

quer esclarecimentos, que julgarem convenientes ao secretario da commissão, dr. Thomaz Lisboa, rua da Prata n.º 6 3.º andar. A este convite devem responder todos aquelles tanto de Lisboa como das provincias, que possam esclarecer a commissão em tão importantes trabalhos, que dizem respeito á saude dos povos.

Estão a concurso de sessenta dias a começar em 12 do corrente as cadeiras de instrucção primaria (1.ª gráo) de Cibões, Farelães e Silvares de Monte Longo, no districto de Braga; Izeda e Valle Frechoso, no de Bragança; Varzea no de Castello Branco; Albufeira e Moncarrapicho, no de Faro; Pousa-flores e villa de Ancião, no de Leiria, S. Jorge e villa do Barreiro, no de Lisboa; Veiros e villa Fernando, no de Portalegre; Ponte de Esturão e Villar de Monros, no de Vianna do Castello; freguezia da Nespereira e Villa-Cova a Coelheira, no de Vizeu.

A despeza feita com as estradas nos diversos districtos do reino, durante o primeiro trimestre do corrente anno foi a seguinte: Em trabalhos de construcção... 189:108\$539 Em pessoal tecnico e de administração... 12:952\$857 Em trabalhos graphicos... 7:216\$043 Na conservação dos lanços concluidos... 22:854\$098 Nas grandes reparações... 20:879\$797

253:011\$334

MOVIMENTO DA BARRA Aveiro 8 d agosto

Entradas PORTO, Hiate port. E. Segredo, m. A. N. Ramizote, 7 pes. de trip., lastro IDEM, Hiate port. Santa Cruz, m. A. Laborinho, 8 pes. de trip., lastro. IDEM, Bateira port. Olho Vivo, m. D. d'Angelica, 6 pes. de trip., lastro.

Em 9 VILLA DO CONDE, Cahique port. Santa Ritta, m. M. do Rosario, 8 pes. de trip., lastro. POVOA DO VARZIM, Hiate port. Novo Atravido, m. M. Marques, 7 pes. de trip., lastro. PORTO, Rasca port. Correo d'Aveiro, m. J. Simões, 10 pes. de trip., lastro.

Sahidas. VILLA REAL DE SANTO ANTONIO Patacho inglez Capriole, cap. F. Murray, 6 pes. de trip., lastro. PORTO, Hiate port. Cruz 2.ª, m. J. da Rocha, 6 pes. de trip., sal. IDEM, Hiate port. Nova União, m. J. F. Mano, 7 pes. de trip., sal. IDEM, Cahique port. Perola do Vouga, m. M. Vicente 7 pes. de trip., sal. LISBOA, Bateira port. Joven Amelia, m. S. Netto, 7 pes. de trip. PORTO, Rasca port. Carolina m. F. A. de Pinho, 13 pes. de trip., sal.

ANNUNCIOS

Pelo cartorio do escrivão Nogueira vão á praça para serem arrematados na execução que João Alves Carnureiro, de Touraes, e Joaquim Vieira, do lugar da Costa, movem a Manuel Marques Abade, do mesmo lugar da Costa, no dia 24 do corrente ás 10 horas da manhã, no Tribunal, as propriedades seguintes:—metade de uma terra denominada a—Parada—, parte do nascente com os herdeiros de Antonio da Cruz Maio, e do poente com Joaquim da Cruz, avaliada em 35\$000 rs.—Metade de uma leira de terra sita nos Sergueiros, parte do norte com os orphãos de Feliciano Simões, e do sul com José Pedro, d'Arrancada, avaliada em 9\$600 rs.—Metade de um ribeiro, e pinhal no Valle do Pombo, parte do norte com o caminho publico, e do sul com Luiza Ramôa, avaliada em 12\$000 rs.

(1 A)

Quem quiser comprar vinho, ha em Sepins, centro da Bairrada, mais de 20 pipas tanto do branco como do tinto; tambem ha algumas de bom vinagre e aguardente. 2 B

Quem quiser comprar uma porção grande de pipas de carvalho de Amburgo, ou em porções pequenas, dirija-se a Antonio José de Sousa, na rua da Arrochella, n'esta cidade, que está encarregado de as vender. 3

THEATRO DOS ARTISTAS

Terça feira 12 do corrente A companhia dramatica lisbonense sob a direcção dos actores Macedo e Mendes Leal (Antonio) levará á scena o seguinte espectáculo com o drama em 4 actos:

AS MÃES ARREPENDIDAS Tradução do sr. Ernesto Biester O AMOR POR MEDO Comedia em um acto. Principiará ás 8 horas e 3/4.

RESPONSAVEL:—M. C. da Silveira Pimentel Typ. do Districto de Aveiro.